

Turismo e Interpretação do Patrimônio Paleontológico no Museu da Terra e da Vida, em Mafra, Santa Catarina

Tourism and Interpretation of paleontological heritage at the Museum of Earth and Life, in Mafra, Santa Catarina

Revisado por pares

Submetido em: 25/08/2020

Aprovado em: 15/09/2020

Eliane Vila Lobos Strapassoniⁱ
Leticia Bartoszeck Nitscheⁱⁱ
Bruno Martins Augusto Gomesⁱⁱⁱ

Palavras-chave

Turismo.
Patrimônio
Paleontológico.
Interpretação do
Patrimônio.

Resumo

O artigo considera que o potencial turístico do patrimônio paleontológico do Museu da Terra e da Vida, em Mafra, Santa Catarina, pode ser dinamizado a partir de meios e técnicas que facilitem a interpretação do patrimônio para público. O objetivo principal da pesquisa foi analisar a interpretação do patrimônio do referido museu sob a perspectiva dos princípios que regem essa prática. A pesquisa teve caráter qualitativo e apresentou uma investigação exploratória, com técnicas documental, bibliográfica e de observação, aliadas a entrevista com o gestor do museu. Os resultados descreveram a forma de organização da exposição do museu, apontaram o uso predominante de mídias interpretativas pessoais e pouca utilização de mídias impessoais, além de aspectos sobre o público composto majoritariamente por estudantes. Com base nesses dados foram traçadas algumas recomendações para o Museu da Terra e da Vida, que auxiliam esta organização museológica e demonstram como aplicar os princípios de interpretação do patrimônio para melhor aproveitamento do patrimônio paleontológico.

Keywords

*Tourism.
Paleontological
Heritage. Interpretation
of Heritage.*

Abstract

The article considers that the tourist potential of the paleontological heritage of the Museum of Earth and Life, in Mafra, Santa Catarina, it can be streamlined from means and techniques that facilitate the interpretation of heritage for the public. The main objective of the research was to analyze the interpretation of the heritage of this museum from the perspective of the principles that govern this practice. The methodology was qualitative in nature and presented an exploratory investigation with documentary, bibliographic and observation techniques, combined with the interview with the museum manager. The results described the way the museum's exhibition was organized, pointing out the predominant use of interpretive media and little use personal of impersonal media, in addition to aspects about the public composed mainly of students. Based on these data, some recommendations were drawn up for the Museum of Earth and Life, which assist this museum organization and demonstrate how to apply the principles of interpretation of heritage for better use of paleontological heritage.

INTRODUÇÃO

O patrimônio paleontológico, caracterizado por vestígios de seres que viveram no passado geológico e que se encontram preservados nas rochas, se configura como um atrativo turístico, especialmente em museus de história natural, por meio de suas exposições. Todavia, para que os museus alcancem seus objetivos na tarefa de comunicar a importância do patrimônio paleontológico e se consolidem como atrativos turísticos, atraindo diferentes perfis de público, a interpretação do patrimônio tem papel fundamental. E ainda, a maneira como o museu se comunica com o público interfere diretamente na qualidade do trabalho interpretativo.

Segundo Schouten (1995) um grande número de pessoas não visita essas instituições por não conseguir estabelecer uma ligação entre o conteúdo das exposições e seu cotidiano. Kellner (2005) descreve que os museus brasileiros de história natural, salvo raras exceções, se mostram antiquados e não tem conseguido acompanhar as mudanças do mundo digital, muitos ainda se utilizam de linguagem técnica destinada apenas ao público científico.

Com a finalidade de evitar falhas e insucessos na comunicação, o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM, 2014) descreve que muitos museus buscam técnicas interpretativas e recomenda aos museus brasileiros o desenvolvimento de um plano de interpretação. Para o IBRAM (2014) apesar da importância cultural, histórica e científica dos museus e da contribuição para economia na sociedade, ainda há muito por fazer

para consolidar o turismo nos museus, aos quais recomenda priorizar a capacitação do setor e a profissionalização da gestão.

O Museu da Terra e da Vida integra a relação dos principais acervos de paleontologia do Brasil, conforme descrito por Pássaro, Hessel e Nogueira Neto (2014). No entanto, apesar de configurar um significativo patrimônio paleontológico brasileiro, ainda é pouco expressivo para o turismo regional, sendo seu público predominante constituído por estudantes e professores.

O Museu da Terra e da Vida pertence ao Centro de Pesquisas Paleontológicas CENPALEO da Universidade do Contestado e localiza-se no município de Mafra, na região do Planalto Norte Catarinense, a 116 Km de Curitiba (PR) e 135 Km de Joinville (SC), conforme Figura 1.

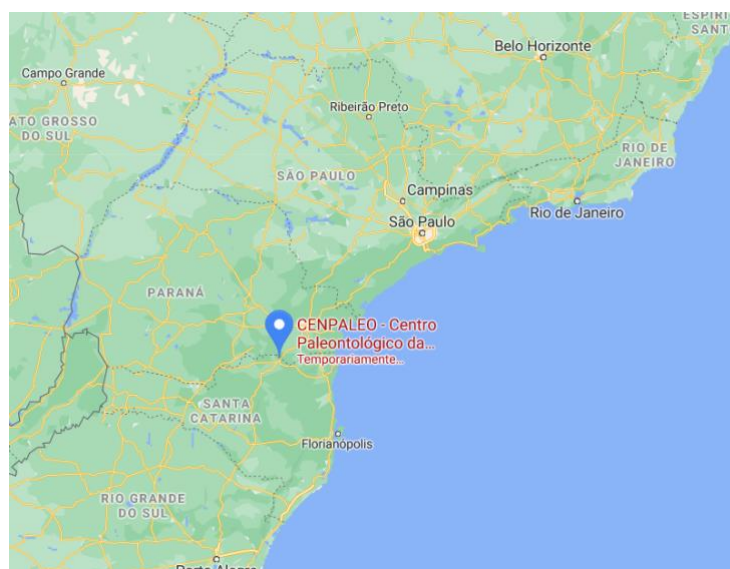


Figura 1: Localização do Museu da Terra e da Vida, no CENPALEO, em Mafra, SC.; Fonte: Google Maps, 2020.

O município de Mafra, apesar de ainda não ter o turismo como uma importante fonte de renda, possui o potencial turístico o qual apresenta monumentos culturais que rememoram a Guerra do Contestado e bens patrimoniais de importância histórica e ecológica, como no Parque Ecoturístico São Luis de Tolosa e o museu da Terra a Vida como um atrativo diferenciado na região.

Nesse contexto, a pesquisa teve como objetivo analisar a interpretação do patrimônio paleontológico do Museu da Terra e da Vida em Mafra, Santa Catarina, sob a perspectiva dos princípios da interpretação do patrimônio.

Para cumprir esse objetivo foi realizada uma investigação de caráter qualitativo e exploratório em que foram levantadas informações referentes à história, características e ações de preservação do patrimônio paleontológico de Mafra, bem como sobre a interpretação do patrimônio no museu, por meio de consulta documental, pesquisa bibliográfica, observação e entrevista. A seguir apresenta-se o referencial teórico, os procedimentos metodológicos da pesquisa e os resultados alcançados.

A INTERPRETAÇÃO DO PATRIMÔNIO PALEONTOLÓGICO PARA O TURISMO EM MUSEUS

A Paleontologia, ciência que se dedica ao estudo do patrimônio paleontológico, surgiu com a finalidade de desenvolver a pesquisa, gerar o conhecimento e promover a preservação do patrimônio. Conforme descrito por Strapasson, Bahl e Nitsche (2017, p. 225), “o turismo vem em segundo plano, como consequência e oportunidade de divulgação e democratização do conhecimento gerado nessa área”.

O Patrimônio Paleontológico se configura como um patrimônio natural, resultado da ação da natureza. De acordo com Cachão e Silva (2004) esse bem é constituído por depósitos fossilíferos, sítios paleontológicos e fósseis, que apresentam valores científico, educativo ou cultural, os quais devem ser preservados para as gerações futuras. Para Meléndez e Molina (2001) o patrimônio paleontológico pode ser entendido como o registro fóssil da região, constituído pelo conjunto de depósitos estudado pela comunidade paleontológica e pelo conjunto de espécimes, coleções, museus e exposições que compõem o material utilizado na pesquisa, ensino e na difusão social de propósitos da Paleontologia.

Os fósseis que constituem o patrimônio paleontológico, conforme descrito por Mendes (1977) são restos ou vestígios de animais ou vegetais que viveram antes dos tempos históricos e que se encontram preservados nas rochas. Cassab (2000) descreve que tais vestígios do passado geológico da Terra se constituem no objeto de estudo da Paleontologia.

A Paleontologia, ciência que se dedica ao estudo e a compreensão da vida passada (Anelli, 2002, Fairchild, 2002), não se limita a cientistas e estudiosos da área, pois a história da Terra e de seres do passado geológico despertam o interesse das pessoas na busca pela compreensão de suas origens. Nesse sentido, a

Paleontologia configura-se como uma ciência que estuda o passado do planeta e auxilia na compreensão da vida contemporânea.

Como exposto por Cassab (2000), a preservação do patrimônio paleontológico é dever da sociedade. Para tanto, o estágio fundamental é o pleno conhecimento do significado do patrimônio pelo maior número de pessoas, pois a conscientização coletiva será o caminho mais viável para promover a preservação (Licardo, 2011). Para promoção do conhecimento Cassab (2000) destaca que nos últimos anos vários museus foram criados realizando atividades voltadas para a população, a difusão dos fundamentos da Paleontologia e a proteção dos depósitos fossilíferos.

Na promoção da atividade turística Carvalho e Da Rosa (2008) descrevem que os museus regionais, nos quais podem ser apreciados acervos fossilíferos, têm grande relevância para a atividade do turismo científico, voltado para a valorização da Paleontologia. Ribeiro, Winter, Martinelli, Macedo Neto e Teixeira (2011) consideram que o patrimônio paleontológico tem características e valores importantes para serem difundidos pelas práticas turísticas, especialmente a promoção do conhecimento e a valorização patrimonial. Para Licardo (2011) o turismo paleontológico promove um aprendizado além da contemplação, permite o desenvolvimento de uma consciência preservacionista e fomenta a preservação dos fósseis.

Nesse contexto, o patrimônio paleontológico se configura também como um atrativo turístico. Entretanto, para que o patrimônio paleontológico se fortaleça como atividade turística e desempenhe de maneira eficaz seu papel na difusão do patrimônio, a interpretação tem papel fundamental.

Costa (2009) descreve a evolução do conhecimento sobre interpretação, que se inicia com Enos Mills, final do século XIX, solidificando-se com os princípios de Freeman Tilden em 1957 e atualiza-se com a proposta de Beck e Cable em 1998, com a apresentação de nove princípios complementares. A ampla expansão da aplicação dos princípios interpretativos de Tilden foi acompanhada a partir da década de 1970 pelo sólido crescimento de conhecimento sobre o tema (Costa, 2009).

Os princípios interpretativos consideram a proteção do patrimônio como finalidade principal da interpretação, visto que “através da interpretação, a compreensão, através da compreensão, a apreciação e através da apreciação a proteção” (Tilden, 1957). Os autores Beck e Cable (2011) descrevem a interpretação como uma atividade educativa que visa revelar significados sobre os recursos culturais e naturais por meio de “várias mídias - incluindo palestras, visitas guiadas e exposições – a interpretação aprimora nossa compreensão, apreciação e, portanto, proteção de locais históricos e maravilhas naturais”

(Beck & Cable, 2011, p. 17). Para Moscardo (2003) a interpretação no contexto do turismo está preocupada com o fornecimento de informações sobre os lugares em que os visitantes se encontram, de forma a incentivá-los a apreciar e cuidar desses locais.

Entender as finalidades da interpretação e o processo de elaboração de um plano interpretativo são aspectos necessários para o desenvolvimento do turismo que prioriza a preservação do patrimônio. Para Beck e Cable (2011) a interpretação é um processo informativo e inspirador que ocorre em parques nacionais, florestas, refúgios de vida selvagem, jardins zoológicos, museus e locais culturais.

Como exposto por Toffolo e Cardozo (2013) no turismo a interpretação patrimonial pode ter a função pedagógica, ensinando-se história de forma prática, o que requer dos “estudiosos do turismo apropriar-se dessa ideia e compreenderem que sua atividade essencial pode ser muito mais do que a do mero lazer, atingindo propósitos sociais mais relevantes” (Toffolo & Cardozo, 2013, p. 799).

Para as autoras Murta e Albano (2005) o foco principal da interpretação na atividade turística é estabelecer uma comunicação efetiva com o visitante, mantendo importantes interfaces com o turismo, com a preservação do patrimônio e o desenvolvimento cultural das comunidades locais. Pearce (1984) descreve que a interpretação adequada pode contribuir para a gestão eficaz de atrações turísticas, pois favorece a qualidade das experiências dos visitantes, incentiva a permanência por mais tempo na atração, agrega valor aos produtos turísticos e contribui para que os visitantes desenvolvam comportamentos sustentáveis. De acordo com Costa (2009) a Associação Nacional para a Interpretação dos Estados Unidos no ano de 2000, mantendo como fundamento os parâmetros propostos por Tilden em 1957, definiu a interpretação como sendo um programa comunicativo planejado que forja conexões emocionais e intelectuais entre interesses do público e os significados inerentes ao recurso. No Brasil, para o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM, 2014) a qualidade da experiência do visitante é o foco da comunicação, considerando que “o maior mérito da ação da interpretação é popularizar o conhecimento, visando a preservação e valorização de ambientes e coleções especiais, induzindo a atitudes de respeito e preservação” (IBRAM, 2014, p. 30).

De acordo Gosling, Coelho e Meira (2018) ao analisarem a experiência de visita constataram que a qualidade em serviços está diretamente relacionada ao aprendizado e à satisfação daqueles que visitam os museus, com destaque para qualidade da informação, do atendimento e dos aspectos tangíveis das exposições. Por isso para evitar situações frustrantes para o visitante e valorizar a experiência interpretativa, recomenda-se a elaboração de um plano interpretativo, o qual em linhas gerais deve



explicitar o público a que se destina, que meios empregar e que mensagem transmitir. O planejamento interpretativo, de acordo com o Carter (2001) pode ser parte de grandes planos para o turismo ou para a gestão de sítios patrimoniais.

Na qualidade da atividade interpretativa os meios e as técnicas de interpretação desempenham papel estratégico. A seleção das mídias interpretativas deve favorecer experiências que promovam a interação do visitante com o patrimônio visitado. Costa (2009) descreve que as mídias são divididas em duas modalidades: mídias pessoais, caracterizada pela presença de um interprete/mediador e as mídias impessoais constituídas por equipamentos e materiais informativos. As mídias pessoais podem compreender palestras interpretativas, imaginação guiada, fantochada ou titeragem, caminhadas e passeios orientados, trilhas interpretativas, interpretação espontânea, demonstrações e história viva. As mídias impessoais são constituídas por publicações impressas, placas, painéis, letreiros, exposições, mostras, vitrines, reconstruções, modelos, meios animados de exibição e multimídias.

Nas mídias pessoais destaca-se a presença dos mediadores que têm papel especial na transmissão de informações e capacidade de interlocução com os visitantes. Segundo Moscardo (2003) as pesquisas mostram que a interpretação pessoal por meio de mediadores melhora a qualidade da experiência do visitante. Rosli, Md Noor, *Jaafar e Mohamed* (2014) defendem a eficácia da interpretação realizada por mediadores, pela possibilidade de fornecer orientações, tirar dúvidas dos visitantes, tornando mais relevante a interpretação por meio da troca experiências.

Ababneh (2018), ao analisar a interpretação em Jarash, na Jordânia destaca o fato de que os mediadores se concentram predominantemente em monumentos históricos e arqueológicos, ou seja, no patrimônio tangível, e não se aprofundam no imaterial, o que causa uma lacuna no desempenho dos mesmos, a qual pode ser superada por meio de um programa de treinamento de habilidades interpretativas e de conscientização dos valores do local.

Na análise da interpretação do patrimônio do Museu da Terra e da Vida foi dada ênfase ao atendimento dos princípios interpretativos de Tilden (1977) originalmente propostos em 1957, complementados em 1998 por Beck e Cable (2011). A escolha desses princípios interpretativos considerou o fato de serem seguidos como os padrões mais reconhecidos para a interpretação do patrimônio natural e cultural (Murta & Albano, 2005; Costa, 2009). Por isso, serão apresentados e comentados os seis princípios interpretativos extraídos da obra de Tilden (1977) e em seguida, os nove princípios extraídos da obra de Beck e Cable (2011).

Princípio 1: “Qualquer interpretação que não relacione o que está sendo mostrado ou descrito com a personalidade ou experiências do visitante será estéril” (Tilden, 1977, p. 11). Esse primeiro princípio proposto por Tilden, segundo Beck e Cable (2011) está ligado às teorias cognitivas, baseado no modelo comportamental *mindful* e na teoria do mapa cognitivo, considerando as experiências e conhecimentos anteriores dos visitantes.

Princípio 2: “A informação, como tal, não é interpretação. A interpretação é revelação baseada em informações. Mas elas são coisas diferentes. No entanto, toda interpretação inclui informações” (Tilden, 1977, p. 18). Esse princípio considera que a informação por si não se constitui em interpretação, pois necessita se tornar interpretável de modo a ser compreendida facilmente pelo público.

Princípio 3: “A interpretação é uma arte que combina muitas artes, quer os materiais apresentados sejam científicos, históricos ou arquitetônicos. Qualquer arte é passível de ser ensinada em algum nível” (Tilden, 1977, p. 26). Esse princípio considera a utilização da arte em favor da interpretação, devendo ser planejada como um enredo que informe, entretenha e ensine. Para que isso aconteça Costa (2009) menciona utilizar as diversas linguagens artísticas, como o teatro, incluindo fantoches, bonecos, a música, a dança, a pintura, entre outras.

Princípio 4: “O objetivo principal da interpretação não é a instrução, mas a provocação” (Tilden, 1977, p. 32). Esse princípio afirma que o principal objetivo da interpretação é a provocação, estimulando a curiosidade do visitante e a exploração mais aprofundada do que está sendo interpretado. A importância desse princípio está na responsabilidade em ampliar os horizontes dos visitantes.

Princípio 5: “A interpretação deve ter como objetivo apresentar um todo ao invés de uma parte, e deve dirigir-se ao homem inteiro e não a qualquer fase” (Tilden, 1977, p. 40). Nesse princípio a apresentação do todo deve ser privilegiada para permitir aos visitantes uma visão global do patrimônio interpretado. Para isso, segundo Costa (2009) é necessário selecionar os conceitos principais se valendo de uma interpretação temática, pois qualquer interpretação, escrita ou falada, deve ter um tema central, uma mensagem específica a ser comunicada.

Princípio 6: “A interpretação dirigida a crianças não deve ser uma diluição da apresentação para adultos, mas deve seguir uma abordagem fundamentalmente diferente” (Tilden, 1977, p. 47). Esse princípio defende uma abordagem planejada especificamente para crianças. Apesar de mencionar o público infantil, o princípio também se refere a oferecer interpretação diferenciada para o público de idosos e pessoas com deficiências.

Princípio 7: “Cada lugar tem uma história. Os intérpretes podem trazer o passado vivo para tornar o presente mais agradável e o futuro mais significativo” (Beck & Cable, 2011, p. xxiv [Introdução]). Considera-se a realização de atividades interpretativas com foco na história do lugar, buscando a interação do visitante como mencionado em Costa (2009) com técnicas que incluem a demonstração da confecção ou do funcionamento de algo, e a história viva com a recriação de eventos históricos utilizando-se de intérpretes.

Princípio 8: “A tecnologia pode revelar o mundo de maneiras novas e excitantes. Entretanto, incorporar esta tecnologia no programa interpretativo deve ser feito com previsão e cuidado” (Beck & Cable, 2011, p. xxiv [Introdução]). Para os autores a utilização da tecnologia por meio de computadores, aplicativos e aparatos tecnológicos, configuram ferramentas potencializadoras da interpretação. Muitos sítios históricos e naturais fazem uso da tecnologia de ponta como auxiliar ou como a própria atividade interpretativa. Essas mídias auxiliam até mesmo na interpretação à distância, por meio de tours virtuais, favorecendo aqueles que não poderiam ter acesso a esses locais.

Princípio 9: “Os intérpretes devem preocupar-se com a quantidade e a qualidade (seleção e exatidão) das informações apresentadas. Interpretação focada e bem pesquisada será mais poderosa do que um discurso longo” (Beck & Cable, 2011, p. xxiv [Introdução]). Esse princípio destaca a quantidade e a qualidade, considerando que um dos maiores problemas da interpretação consiste em oferecer muitas informações ou objetos em excesso. O segundo fator a ser considerado é a qualidade da informação, sua origem e exatidão, ou seja, a informação deve ser precisa e verdadeira.

Princípio 10: “Antes de aplicar as artes na interpretação o intérprete deve estar familiarizado com as técnicas básicas de comunicação. A interpretação de qualidade depende do conhecimento e das habilidades do intérprete, que deve ser continuamente desenvolvido ao longo do tempo” (Beck & Cable, 2011, p. xxiv [Introdução]). Esse princípio se preocupa com a formação do profissional da interpretação, considerando o domínio da comunicação um pré-requisito essencial. Considera também que o intérprete deve ter uma formação mais abrangente e atualizada, além do conhecimento do contexto do patrimônio, incluindo noções de informática e idiomas.

Princípio 11: “A escrita interpretativa deve abordar o que os leitores gostariam de saber, com a autoridade da sabedoria e sua humildade e cuidado” (Beck & Cable, 2011, p. xxiv [Introdução]). Esse princípio diz respeito à interpretação escrita, a qual deve receber atenção especial no conteúdo e na composição. O conteúdo de um texto interpretativo deve oferecer ao visitante aquilo que ele deseja saber, relacionando

conteúdo e significado do local com suas experiências e interesses. Beck e Cable (2011) destacam que as seguintes perguntas são norteadoras na seleção do conteúdo: “Qual é a ideia fundamental desse local?” e “Qual é o maior motivo para a sua preservação?”. Na composição da escrita deve-se priorizar a brevidade, mas sem omitir informações.

Princípio 12: “O programa interpretativo global deve ser capaz de atrair apoio - financeiro, voluntário, político, administrativo - qualquer apoio necessário para que o programa floresça” (Beck & Cable, 2011, p. xxiv [Introdução]). Esse princípio está relacionado à autossustentação do programa interpretativo, considerando que este deve buscar apoio e parcerias em diversos setores para garantir sua manutenção e até rentabilidade. Para isso é importante a cobrança de ingressos, taxas, estabelecimentos de parcerias, atração de trabalhos voluntários, entre outros.

Princípio 13: A interpretação deve incutir nas pessoas a capacidade e o desejo de sentir a beleza em seu entorno - para proporcionar a elevação espiritual e incentivar a preservação dos recursos (Beck & Cable, 2011, p. xxiv [Introdução]). Esse princípio incentiva atitudes contemplativas e conservacionistas, devendo a interpretação valorizar a contemplação da beleza do patrimônio (visível e invisível), incluindo a beleza estética, de valores, de atitudes, de importância histórica, etc. O mediador pode auxiliar os visitantes a perceberem a beleza que não está prontamente aparente no patrimônio.

Princípio 14: “Os intérpretes podem promover experiências ótimas por meio de um programa intencional e reflexivo e um projeto facilitador” (Beck & Cable, 2011, p. xxv [Introdução]). Nesse caso trata-se da promoção de experiências ótimas, tornando-as memoráveis e marcantes. Segundo os autores, locais eficazes para promover aprendizado e ótimas experiências são caracterizados pela ausência de estresse ou ansiedade. Os sítios patrimoniais podem proporcionar aos visitantes experiências memoráveis, o que requer dos mediadores a oferta de atividades interpretativas adequadas a esta finalidade.

Princípio 15: “A paixão é o ingrediente essencial para a interpretação poderosa e eficaz – paixão pelos recursos e pelas pessoas que vêm para serem inspiradas por ele” (Beck & Cable, 2011, p. xxv [Introdução]). Para os autores a paixão tem o papel de influenciar as pessoas. É por meio da paixão pelos recursos interpretados que os mediadores podem fazer aflorar a paixão daqueles para quem interpretam. Os princípios da interpretação propostos por Tilden em 1957 foram seguidos como os padrões mais reconhecidos para a interpretação em todas as partes do mundo, principalmente a partir de 1970, sendo que nas décadas de 1980 e 1990 as publicações se ampliaram pela crescente necessidade de melhorias na gestão de áreas naturais e sítios patrimoniais (Costa, 2009). Diante do reconhecimento e da utilização dos



princípios da interpretação voltada a patrimônios naturais e culturais no mundo todo, sugere-se sua utilização na presente pesquisa sobre o patrimônio paleontológico do Museu da Terra e da Vida, em Mafra, SC.

METODOLOGIA

A estratégia de investigação da pesquisa apresenta caráter qualitativo que, de acordo com Dencker (1998), tem como objetivo obter informações sobre a realidade e caracteriza-se pela utilização de metodologias múltiplas, sendo observação e entrevistas as mais utilizadas. Para Creswell (2014) a escolha dos métodos serve para especificar qual tipo de informação vai ser coletada antes do estudo.

O trabalho apresenta como método de pesquisa uma investigação exploratória, realizada em fontes bibliográficas, documentos do Centro de Pesquisas Paleontológicas (CENPALEO), observação *in loco* no Museu da Terra e da Vida (Mafra, SC) e entrevista presencial com o seu gestor. Segundo Gil (2008) a pesquisa exploratória tem a finalidade de desenvolver, elucidar e até mesmo modificar conceitos e ideias. Este tipo de pesquisa é realizada especialmente quando o assunto escolhido é pouco explorado, tornando difícil a formulação de hipóteses precisas e operacionalizáveis.

A pesquisa bibliográfica buscou explorar referencial teórico que permitisse aproximar o tema turismo ao patrimônio paleontológico em museus e a interpretação do patrimônio. A observação *in loco* procurou conhecer como está organizada a exposição do Museu da Terra e da Vida, segundo as mídias interpretativas e princípios da interpretação.

O gestor do museu aceitou participar da pesquisa e autorizou a divulgação dos dados para fins acadêmicos. A entrevista teve como instrumento de coleta um roteiro estruturado constituído por perguntas abertas e fechadas sobre a visitação no museu, aspectos gerais do local, mídias pessoais e impessoais e princípios interpretativos, desenvolvido com base no referencial teórico desta pesquisa.

O entrevistado possui graduação e doutorado em Geologia e atua na coleta e pesquisa de fósseis do museu desde a sua fundação, auxiliando como colaborador. Assumiu a gestão do museu em 2005 com o compromisso de fortalecer a pesquisa científica e democratizar o conhecimento do patrimônio paleontológico por meio da melhoria exposição do acervo.

A partir dos dados obtidos foi possível realizar as análises, conforme apresentado nos resultados.

RESULTADOS



A pesquisa realizada possibilitou levantar características relevantes a respeito de como ocorre a interpretação do patrimônio no museu. Os dados obtidos foram analisados com vistas a considerações para a interpretação do Museu da Terra e da Vida.

O município de Mafra, localizado no planalto norte de Santa Catarina, possui um expressivo patrimônio paleontológico, o qual desde a década de 1930 já era conhecido e alvo de investigações no meio científico, quando o pesquisador Euzébio de Oliveira descreveu achados de fósseis marinhos dos gêneros *Língula* e *Orbiculóidea* (Oliveira, 1930). A partir de 1997 esse patrimônio passou a se tornar conhecido pela comunidade mafrense e ganhou atenção científica nacional. De acordo com Rösler e Fritsch (1997) no início do ano de 1997, com a instalação de uma empresa multinacional na cidade de Mafra, durante os trabalhos de terraplanagem, ocasionalmente esses fósseis foram descobertos. A partir de então, deu-se início a uma série fatos envolvendo esses achados. A comunidade científica que, preocupada com a salvaguarda e preservação desses fósseis, pois muitas peças estavam sendo destruídas e retiradas do local por moradores da região, denunciou o fato aos órgãos competentes. Diante dos acontecimentos, a guarda e responsabilidade desse material fossilífero foi concedida ao município de Mafra, tendo como fiel depositária a Universidade do Contestado (UnC). Em junho de 1997 iniciou o trabalho de implantação do denominado Centro Paleontológico de Mafra - CENPALEO, com o objetivo de preservar o material paleontológico, promover a pesquisa e a difusão do conhecimento científico.

Segundo Rösler e Fritsch (1997), fundadores do Centro Paleontológico, o patrimônio paleontológico existente na cidade de Mafra e região é caracterizado pela presença de fósseis de animais invertebrados marinhos, como esponjas, braquiópodes, crustáceos e também de vertebrados, representados por espécimes fósseis de peixes paleoniscideos, os quais foram descritos por Richter (1991). Esses peixes são testemunhos, entre outras evidências, de que essa região do sul do Brasil há aproximadamente 300 milhões atrás era coberta por um mar de águas marinhas geladas, época em que fazia parte do continente conhecido por Gondwana e estava bem mais próxima do polo sul do que atualmente.

De acordo com dados obtidos por meio de entrevista com o gestor e de pesquisa documental, verificou-se que uma das principais atribuições do CENPALEO é o incremento do conhecimento científico, fundamentado pelo desenvolvimento de pesquisas científicas. As pesquisas envolvem várias etapas, saídas de campo para coleta de material fossilífero, triagem, preparação, identificação, registro e incorporação ao acervo. A reserva técnica do CENPALEO conta com aproximadamente 10.000 peças tombadas.



O estudo do material fossilífero resultou em dezenas de trabalhos científicos, duas dissertações de mestrado e três teses de doutorado, além de participação em vários eventos científicos e cursos de capacitação de professores na área da história natural. Os acadêmicos do curso de Ciências Biológicas da UnC são incentivados a desenvolverem projetos de pesquisa na área, incrementando novas descobertas fossilíferas e contribuindo para o fomento do conhecimento científico da Paleontologia brasileira.

Em 25 de setembro de 1998, conforme descrito por Manzig e Weinschütz (2012), foi então inaugurado o Museu da Terra e da Vida com a finalidade de promover a difusão do conhecimento científico, estabelecendo comunicação com a comunidade. O museu é parte integrante do Centro Paleontológico e pertencente à Universidade do Contestado.

A exposição do museu está organizada em ordem cronológica, dos tempos mais remotos até os tempos atuais, de forma a proporcionar ao visitante uma melhor compreensão sobre a evolução da vida no planeta. O museu enfatiza a evolução biológica com base nos registros fósseis do Brasil e do mundo que contam a história da vida no planeta Terra. Constatou-se que a exposição conta com mais de 60 expositores com fósseis, estruturas geológicas, minerais, dinossauros, pterossauros, animais atuais taxidermizados, entre outros.

O museu está organizado em seis salas temáticas, cada uma com um contexto diferente. A “Sala do Universo” com informações a respeito da origem do universo. A “Sala da Terra” apresenta uma diversificada exposição de rochas e minerais (Figura 02). A “Sala da Vida Antiga” é a principal sala do museu, apresenta uma diversificada exposição de fósseis e vestígios da vida passada, organizados em ordem cronológica dos seres mais antigos aos atuais. A exposição enfatiza os fósseis encontrados na cidade de Mafra, conforme descrito por Rösler e Fritsch (1998) são fósseis de peixes representantes de animais marinhos que viveram no local há aproximadamente 300 milhões de anos (Figura 03), testemunhos da época em que essa região estava coberta por um “mar de águas geladas”.

A quarta sala denominada “Os Grandes Répteis da América do Sul” apresenta répteis pré-históricos que habitaram o continente no passado. A exposição conta com quatro réplicas científicas, sendo dois répteis procedentes do Brasil e dois da Argentina, e com fósseis originais de uma nova espécie de pterossauro, o *Caiuajara dobruskii*, procedentes de Cruzeiro do Oeste, Paraná (Figura 04). A quinta sala “Ala Victor Dequech: os últimos grandes répteis” homenageia o geólogo brasileiro natural de Mafra, SC. Essa sala apresenta a réplica de um grande dinossauro herbívoro brasileiro, o *Uberabatitan ribeiro* (Figura 05), proveniente de Uberaba, Minas Gerais. Nesse espaço encontram-se também réplicas de pterossauros do

Nordeste brasileiro, da região do Cariri. A sexta sala “Vida Atual” apresenta uma variedade de animais taxidermizados representantes da vida atual, incluindo répteis, aves e mamíferos provenientes dos estados do Paraná e Santa Catarina. A exposição proporciona conhecer os animais da atualidade e estabelecer relação com os seres do passado.

De acordo com o gestor do museu, entre as atividades desenvolvidas, a mais expressiva inclui a sua participação na Semana Nacional dos Museus, desde 2005. Esse evento foi instituído no Brasil pelo IBRAM, com o objetivo de proporcionar maior interação entre os museus e a comunidade (IBRAM, 2014). Acontece no mês de maio, quando os museus são convidados a realizar uma exposição temporária com temática especial e normalmente apresentam um aumento significativo no número de visitantes (IBRAM, 2014). O Museu da Terra e da Vida, de acordo com seus registros, também apresenta um aumento expressivo de visitantes nesse período.



Figura 2: Sala da terra – exposição de rochas e minerais; Fonte: Museu da Terra e da Vida (2019)

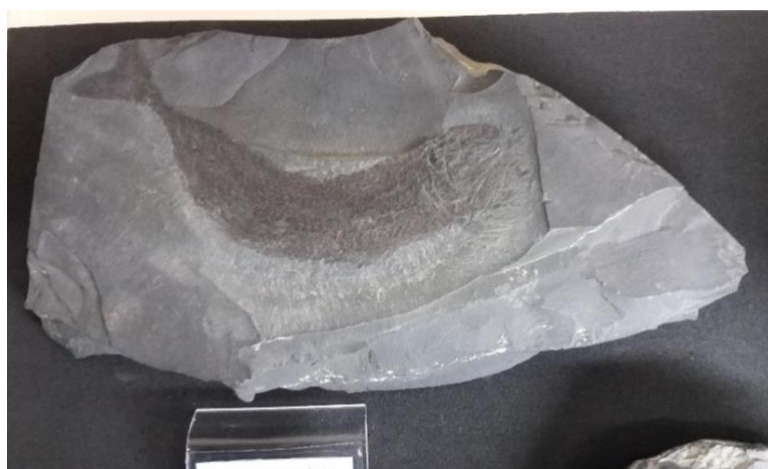


Figura 3: Peixe fossilizado encontrado em Mafra, SC; Fonte: Museu da Terra e da Vida (2019)



Figura 4: Sala de Exposição Grandes Répteis da América do Sul; Fonte: Museu da Terra e da Vida (2019)



Figura 5: Réplica do Dinossauro brasileiro *Uberabatitan Ribeiro*; Fonte: Museu da Terra e da Vida (2019)

No ano de 2009, especialmente, o museu obteve a maior demanda de visitantes, segundo relato do gestor, foi nesse ano que o museu inaugurou a exposição da réplica do maior dinossauro herbívoro brasileiro, o *Uberabatitan ribeiroi*. Pelo fato de não haver outro museu na região com essa temática, a réplica do grande dinossauro chamou a atenção do público que prestigiou expressivamente a exposição. E assim, sucessivamente todos os anos o Museu da Terra e da Vida prepara uma exposição alusiva à Semana Nacional dos Museus, dentro de suas possibilidades estruturais e financeiras, com objetivo de proporcionar maior interação com o público e aumentar a sua arrecadação.

Em 2019, o museu recebeu 8676 visitantes, sendo 34% de moradores de Mafra e 65,5% de fora do município provenientes da região que abrange municípios de Santa Catarina e Paraná em um raio aproximado de até 150 Km de distância (Cenpaleo, 2020). Uma minoria veio de outros estados da Federação. Com a implantação do museu, além da difusão do conhecimento, o patrimônio paleontológico de Mafra passou a configurar também um atrativo turístico.

De acordo com a Lei nº 2299 (Prefeitura Municipal Mafra, 1998) o Museu da Terra e da Vida passa a integrar o conjunto dos atrativos turísticos do município instituídos pelo Conselho Municipal de Turismo de Mafra. E no ano de 2012, com as ações de implantação do Programa Nacional de Regionalização do Turismo, o Museu da Terra e da Vida passou também a integrar o Roteiro Regional Caminhos do Contestado. Constituído por dez municípios do planalto norte catarinense, o museu foi considerado um dos principais atrativos turísticos do roteiro (Associação de Desenvolvimento do Turismo Caminhos do Contestado, 2012). Apesar dessas ações revelarem um reconhecimento turístico do museu por parte institucional de organizações do setor, verifica-se que a sua atratividade turística poderia ser mais abrangente, visto que os registros constatarem um público principal constituído especificamente por estudantes, professores e pesquisadores.

Outro aspecto a ser detalhado é a análise das mídias interpretativas em consonância com os princípios da interpretação. De acordo com os dados obtidos foi possível registrar que a interpretação do patrimônio no Museu da Terra e da Vida possui mídias pessoais e impessoais. Em se tratando primeiramente das mídias impessoais, o museu dispõe de várias publicações impressas como: folhetos; painéis; exposições e vitrines; reconstruções e modelos; meios animados de exibição: som (narração de textos, música, ruídos), filmes e vídeos.

A respeito das mídias pessoais o museu oferece palestras interpretativas; conversa ou bate-papo; caminhadas e passeios orientados com interpretação durante todo o trajeto percorrido; interpretação espontânea: decorrência natural da conversação do mediador com o visitante; demonstrações de preparação de fósseis.

A interação do público com o acervo ocorre quando este é convidado a tocar em algumas peças em exposição. As atrações do museu que mais chamam a atenção e agradam o público são réplicas de grandes répteis, e em especial do dinossauro *Uberabatitan ribeiroi*.

A respeito da formação dos mediadores, estes são preferencialmente graduados ou estudantes de biologia. O museu oferece capacitação para os mediadores realizarem atendimento no museu, mas não de maneira



sistemática. Para os professores visitantes o museu ainda não dispõe de programa de capacitação permanente, que proporcione autonomia para realizarem atividades com seus alunos no espaço museológico. Todavia, já foram realizadas algumas capacitações isoladas, para professores da rede pública de ensino.

Sobre o perfil do visitante do museu, como relatado, ele é caracterizado por estudantes e pesquisadores. A faixa etária predominante dos visitantes é de jovens trazidos pelas suas instituições de ensino, provenientes de várias cidades e estados, principalmente, de Santa Catarina e Paraná.

A pesquisa realizada no Museu da Terra e da Vida verificou que o museu desconhece na íntegra os princípios da interpretação do patrimônio de Tilden, Beck e Cable, para planejar sua exposição. No entanto em alguns aspectos a exposição estão em consonância com esses princípios, entre eles destacam-se: o tema principal da interpretação, presença de mediadores, interpretação espontânea e algumas demonstrações. De modo geral, a visita está demasiadamente dependente da presença dos mediadores para a condução e explicações sobre o conteúdo paleontológico. Quanto às mídias impessoais, evidenciam-se a presença de painéis, reconstruções e modelos, filmes, vídeos e alguns equipamentos que produzem sons. Poucas mídias são destinadas a públicos como crianças, idosos e pessoas com deficiências. As multimídias digitais que favoreceriam a interatividade com o visitante, são ausentes.

O museu tem claro o tema principal pautado na evolução da vida na Terra no decorrer do tempo geológico, porém, necessita de estratégias comunicativas que reforcem a compreensão deste conhecimento pelo público, principalmente envolvendo as emoções das pessoas como parte desse processo e provocando atitudes na preservação do patrimônio paleontológico.

Diante do exposto evidencia-se que o Museu da Terra e da Vida realiza a interpretação do patrimônio voltada principalmente para estudantes e pesquisadores. Contudo, apresenta potencial para atrair um público mais abrangente de moradores e turistas com interesse em lazer cultural. Para tanto, recomenda-se ao museu implantar um planejamento interpretativo com base nos princípios da interpretação, com destaque para as novas mídias que ofereçam linguagens diferenciadas, atrativas e promovam a interação do visitante com o patrimônio.

Alinhadas aos princípios da interpretação, são apresentadas algumas considerações para o Museu da Terra e da Vida (Quadro 1) visando contribuir com a difusão do patrimônio paleontológico.



PRINCÍPIOS DA INTERPRETAÇÃO	APLICABILIDADE NO MUSEU DA TERRA E DA VIDA
1- Relacionar o conhecimento com as experiências dos visitantes.	Dependerá da habilidade do mediador em relacionar o conhecimento referente ao patrimônio paleontológico com as experiências dos visitantes. Sugere-se ao mediador estar atento ao interesse do visitante, conhecer suas experiências, para então estabelecer as conexões.
2- Toda interpretação tem uma informação a ser comunicada.	O Museu da Terra e da Vida dispõem de muita informação a ser comunicada sobre o passado geológico da Terra e a evolução da vida no planeta. Recomenda-se selecionar e definir a informação que os idealizadores do museu esperam que seja compreendida pelos seus visitantes.
3- Utilizar das diversas artes na interpretação.	O Museu da Terra e da Vida realiza atividades teatrais em momentos comemorativos, no entanto essas atividades não fazem parte da programação oficial. Sugere-se ao museu incluir gradualmente a prática de diferentes artes na sua programação, ampliando sua comunicação com públicos diferenciados, buscando atrair o interesse por lazer cultural.
4 - Estimular a curiosidade do visitante para exploração mais aprofundada.	Recomenda-se que a organização das exposições do museu e a capacitação dos mediadores priorize a seleção das informações e adoção de estratégias que estimulem a curiosidade do visitante sobre o patrimônio interpretado.
5 - Apresentar a informação completa e para isso a informação deve ter um tema principal.	O Museu da Terra e da Vida dispõe de um tema central norteador da interpretação: “A história da vida na Terra”. Recomenda-se priorizar seu tema principal no planejamento das suas exposições e atividades.
6 - Dispor de interpretação para diversos públicos, considerando as necessidades especiais.	O Museu da Terra e da Vida foca no público científico e apresenta carência de interpretação que se comunique com um público mais abrangente. Sugere-se ao museu planejar e incluir em sua programação permanente, atividades destinadas a crianças, idosos e pessoas com deficiências.
7 - Dar vida a história do lugar por meio de representações e trajes de época.	É possível referenciar importantes personalidades da história da Paleontologia, assim como de seres do passado por meio de representações. O Museu da Terra e da Vida já realizou representações de personagens do universo paleontológico em ocasião comemorativa, no entanto esse tipo de caracterização poderia ser utilizada com mais frequência no museu, principalmente para atendimento de crianças.
8- Utilizar da tecnologia, computadores, aplicativos e aparatos tecnológicos.	Diante dos poucos equipamentos com tecnologia multimídias identificados no museu, recomenda-se que seja dada atenção especial para essa modalidade interpretativa. Dispor de equipamentos que proporcionem imaginar uma viagem virtual no tempo, ouvir sons e ruídos de animais pré-históricos, são exemplos de experiências interativas, com maior autonomia ao usuário, que potencializam a interpretação.
9- Preocupar-se com a qualidade e quantidade de informações. Evitar excesso de informações.	Recomenda-se ao Museu da Terra e da Vida equilibrar a quantidade das informações associadas ao contexto do acervo paleontológico. A sintetização das informações, de forma clara e objetiva facilitará a compreensão do visitante.



10- Dar atenção a formação profissional do interprete.	Sugere-se ao museu dar atenção especial na capacitação dos seus mediadores, considerando que além do conhecimento específico do patrimônio paleontológico, o mediador também deve conhecer técnicas de comunicação, ter conhecimento na área da informática e idiomas. Essas habilidades possibilitarão uma interpretação mais eficiente.
11- A interpretação escrita deve ser breve, mas não omissa, priorizar o que os visitantes gostariam de saber e apresentar o motivo da preservação do local.	O Museu da Terra e da Vida utiliza de textos com muita informação escrita. Recomenda-se aos gestores do museu elaborar textos sintéticos e objetivos referentes ao patrimônio paleontológico, priorizando a informação principal do acervo e o motivo da sua preservação.
12- Autossustentação do programa interpretativo, por meio de ingressos, taxas, parcerias, trabalhos voluntários.	O Museu da Terra e da Vida é mantido pela Universidade do Contestado e também conta com parcerias e ingressos para sua manutenção. No entanto, o museu pode ampliar parcerias com outras instituições, colaboração de voluntários e incrementar a venda de ingressos com ações que aumentem o número de visitantes. Recomenda-se também a venda de <i>souvenirs</i> , como uma fonte de renda significativa.
13- Valorizar a contemplação da beleza do patrimônio visível e invisível (beleza estética, valores, importância histórica).	O Museu da Terra e da Vida dispõem de materiais e mediadores que valorizam a beleza do seu patrimônio. No entanto, para evidenciar ainda mais este quesito, necessita dispor de mídias com maior qualidade visual. Para elaboração desses materiais sugere-se auxílio de profissionais das artes visuais.
14- Promoção de experiências ótimas que tornem a experiência memorável e marcante.	O museu caracteriza-se como um ambiente tranquilo e ausente de estresse, propício para promover ótimas experiências, porém conta com poucas atividades desafiadoras para o visitante. Recomenda-se planejar atividades que envolvam descobertas e revelações surpreendentes com a finalidade de qualificar a experiência da visita.
15- Por meio da paixão pelos recursos, os interpretes podem fazer aflorar a paixão daqueles para quem interpretam.	Os profissionais do Museu da Terra e da Vida, incluindo seus gestores, demonstram grande apreço e dedicação pelo museu, ambiente no qual estão imersos profissionalmente e pessoalmente. Recomenda-se continuar aproveitando esta característica já presente, a qual influencia positivamente o público a construir laços de afeto com o local, em prol da preservação do patrimônio paleontológico.

Quadro 1: Princípios da Interpretação Aplicados ao Museu da Terra e da Vida - Mafra, SC; Fonte: Os Autores (2020); NOTA: Os 'princípios da interpretação' foram organizados com base em Murta e Albano (2005), Costa (2009), Tilden (1977) e Beck e Cable (2011).

As considerações têm como objetivo colaborar para o planejamento interpretativo do Museu da Terra e da Vida, sendo que não se constituem em uma proposta finalizada, mas pontos a serem discutidos com a entidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho teve como foco analisar a interpretação do patrimônio paleontológico no Museu da Terra e da Vida sob a perspectiva dos princípios da interpretação e oferecer contribuição para um melhor aproveitamento do seu patrimônio para o turismo. Para isto os procedimentos metodológicos se pautaram em pesquisa qualitativa com objetivos exploratórios, com técnicas bibliográficas, documentais, observação e entrevista. A pesquisa exploratória possibilitou levantar informações referentes à história do museu, sua exposição, o público frequentador, sua relação com o turismo e como ocorre a interpretação do patrimônio em seu interior.

A entrevista presencial com o gestor do museu forneceu informações referentes às mídias pessoais e impessoais utilizadas no local. A técnica de observação identificou a organização da exposição do museu possibilitando a análise dos aspectos que estão alinhados aos princípios da interpretação e os que precisam ser melhorados. Dentre elas, vale ressaltar que as mídias pessoais realizadas por mediadores caracterizam o ponto forte, e, a falta de interatividade e de multimídias digitais constituem o ponto fraco do museu na realização da interpretação do patrimônio.

Os dados analisados constataram que o Museu da Terra e da Vida (Mafra, SC) não atende integralmente aos princípios da interpretação segundo Tilden (1977) e Beck e Cable (2011), o que prejudica a atração de um público mais abrangente que visita os atrativos culturais da região. Nas mídias pessoais, ressalta-se que os mediadores recebem formação voltada ao conhecimento do patrimônio, no entanto a formação não acontece de maneira sistemática e não inclui técnicas de comunicação, que possibilitariam uma interpretação mais eficiente. Nas mídias impessoais, além da pouca interatividade e ausência de multimídias digitais, constatou-se que poucas são destinadas a públicos, como crianças, idosos e pessoas com deficiências.

As recomendações baseadas nos princípios da interpretação que constam no Quadro 1, visam colaborar com o planejamento interpretativo do museu, e espera-se que possam também contribuir com novas discussões sobre práticas de interpretação do patrimônio paleontológico para o turismo em outros museus. Constituindo-se como um dos poucos exemplares do tema paleontológico no Brasil, o museu desponta como um atrativo de relevância para o mercado turístico ao apresentar condições de revitalizar sua estrutura interpretativa para aprimorar a comunicação com o seu público científico e atrair uma demanda regional em busca de opções de lazer cultural de modo a valorizar o acervo e a experiência do turista.

REFERÊNCIAS

- Ababneh, A. (2018). Tour guides and heritage interpretation: guides' interpretation of the past at the archaeological site of Jarash, Jordan, *Journal of Heritage Tourism*, 13(3), 257-272.
- Anelli, L. E. (2002). *O passado em suas mãos: guia para coleção de réplicas*. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Associação de Desenvolvimento do Turismo Caminhos do Contestado. (2012). *Ofício n° 28. 10.03.2012. Inclusão do Centro Paleontológico de Mafra no Roteiro Regional Caminhos do Contestado*. Canoinhas: Associação de Desenvolvimento do Turismo Caminhos do Contestado.
- Beck, L., & Cable, T. (1998). Interpretation for the 21 Century: fifteen guiding principles for interpreting nature and culture. Sagamore Publishing.
- Beck, L., & Cable, T. (2011). *The gifts of interpretation: fifteen guiding principles for interpreting nature and culture* (3a ed). Sagamore Publishing LLC.
- Cachão, M., & Silva, C. (2004). *Introdução do patrimônio paleontológico português: definições e critérios de classificação*. Geonovas, 18(1), 13-19.
- Carter, J. (Ed.). (2001). *A Sense of Place: an interpretive planning handbook: um sentido de lugar: manual de planejamento interpretativo* (2a ed. rev.). Recuperado em 23 mar. 2017, de www.scotinterpnet.org.uk.
- Carvalho, I. S., & Da-Rosa, A. A. S. (2008). Patrimônio paleontológico no Brasil: relevância para o desenvolvimento sócio-econômico. *Memórias e Notícias*, Coimbra, (3), Nova série, 15-28.
- Cassab, R. C. T. (2000). Objetivos e princípios. In: Carvalho, I. S. (Ed.). *Paleontologia* (vol. 1, Cap. 1, pp. 3-11). Rio de Janeiro: Interciência.
- Cenpaleo (2020). *Relatório de dados de 2019 do Livro de Registro de Visitantes do Museu da Terra e da Vida*. Universidade do Contestado, Mafra, SC.
- Costa, F. R. (2009). *Turismo e patrimônio cultural: interpretação e qualificação*. São Paulo: Editora Senac São Paulo: Edições SESC SP.
- Creswell, J. W. (2014). *Investigação qualitativa & projeto de pesquisa*. Porto Alegre: Penso.
- Dencker, A. F. M. (1998). *Pesquisa em turismo: planejamento, métodos e técnicas*. São Paulo: Futura.
- Fairchild, T. R. (2002). *De volta ao passado: paleontologia e paleontólogos*. São Paulo: Instituto de Geociências da Universidade de São Paulo. Recuperado em: 25 jul. 2016, de <http://www.igc.usp.br/index.php?id=173>.

- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6a ed.) São Paulo: Atlas.
- Gosling, M. S., Coelho, M. F.; Meira, K. C. O. (2018). *A experiência de visitantes de museus portugueses da região do Algarve*. Observatório de Inovação do Turismo - Revista Acadêmica, 12(1), 1-21.
- Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) (2014). *Museu e turismo: estratégias de cooperação*. Brasília, DF: IBRAM.
- Kellner, A. W. A. (2005). Museus e a divulgação científica no campo da paleontologia. *Anuário do Instituto de Geociências*. Rio de Janeiro, 28(1), 116-130.
- Licardo, A. (2011). Turismo paleontológico. In: Manzig, P. C.; Weinschutz, L. C. *Museus e fósseis da Região Sul do Brasil* Marechal Cândido Rondon: Germânica, 216-219.
- Mackintosh, B. (1986). *Interpretation in the National Park Service: a historical perspective*. Washington, D.C.: National Park Service.
- Prefeitura Municipal Mafra (1998). *Lei nº 2299, data 04.11.1998. Cria o Conselho de Turismo de Mafra e seus instituidores*. Mafra, SC.
- Manzig, P. C., & Weinschutz, L. C. (2011). *Museus & fósseis da Região Sul do Brasil: uma experiência visual com a paleontologia*. Marechal Cândido Rondon, PR: Germânica.
- Meléndez, G., & Molina, A. (2001). El patrimonio paleontológico en España: una aproximación somera. *Enseñanza de las Ciencias de la Tierra*, 9(2), 160-172.
- Mendes, J. C. (1977). *Paleontologia geral*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo.
- Moscardo, G. (2003). Interpretation and sustainable tourism: function, examples and principles. *The Journal of Tourism Studies*, 14(1), 112-123.
- Murta, S. M., & Albano, C. (Org.). (2005). *Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar*. Belo Horizonte, Ed. UFMG.
- Oliveira, E. P. (1930). *Geologia e recursos minerais do Estado do Paraná*. Monografia nº VI do S.G.M.B. Ano 1927. Rio de Janeiro.
- Pássaro, E. M., Hessel, M. H., & Nogueira Neto, J. A. (2014). Principais acervos de paleontologia do Brasil. *Anuário do Instituto de Geociências*, Rio de Janeiro, 37(2), 48-59.
- Pearce, P. L. (1984). Tourist-guide interaction. *Annals of Tourism Research*, 11(1), 129-146.
- Ribeiro, L. C. B., Winter, C. V. P., Martinelli, A. G., Macedo Neto, F. & Teixeira, V. P. A. (2011). O patrimônio paleontológico como elemento de desenvolvimento social, econômico e cultural: Centro

Paleontológico Price e Museu dos Dinossauros, Peirópolis, Uberaba (MG). *Paleontologia: cenários da vida*, 4(1), 765-774.

Richter, M. (1991). *A new marine ichthyofauna from the Permiano of the Parana basin of Southern Brazil*. Tese de Doutorado, University of London, Londres.

Rösler, O., & Fritsch, M. (1997). O centro paleontológico da UnC-Mafra: um novo centro de pesquisa e museu. *Boletim de Resumos do Congresso Brasileiro de Paleontologia*, Rio Claro, SP, 15.

Rosli, N. E. H. M., Md Noor, S., Jaafar, M., & Mohamed, R. (2014). Creating mindful tourists at heritage sites through tour guide's interpretation: a case of Georgetown World Heritage Sites. *GSTF International Journal on Media & Communications (JMC)*, 1(2), 1-14.

Strapasson, E. V. L., Bahl, M., & Nitsche, L. B. (2017). Turismo, patrimônio paleontológico e educação no Museu da Terra e da Vida, em Mafra, Santa Catarina. *Revista de Turismo Contemporâneo*. 5(2), 221-237.

Tilden, F. (1957). *Interpreting our Heritage*. [S.I.]. University of North Carolina Press.

Tilden, F. (1977). *Interpreting Our Heritage* (3a ed.). The University of North Carolina Press Chapel Hill.

Toffolo, R., Cardozo, P. F. (2013). Interpretação patrimonial como forma de valorização das edificações e o desenvolvimento turístico do município de Lapa (Paraná, Brasil). *Turismo e Sociedade*, 6(4), 791-813.

INFORMAÇÕES DOS AUTORES (AS)

ⁱ ELIANE VILA LOBOS STRAPASSON - Mestre em Turismo (UFPR). Esp. em Ecologia Aplicada (UnC - Mafra). Licenciada em Ciências Biológicas. Professora da Rede Pública Municipal de Mafra, Santa Catarina. Brasil. E-mail: eliane.cenpaleo@unc.br

ⁱⁱ LETICIA BARTOSZECK NITSCHKE - Doutora em Geografia, Mestre em Geografia, Esp. em Planejamento e Gestão do Turismo. Bacharel em Turismo. Professora do Departamento de Turismo da Universidade Federal do Paraná. Paraná. Brasil. E-mail: lticia@gmail.com

ⁱⁱⁱ BRUNO MARTINS AUGUSTO GOMES - Doutor em Políticas Públicas (UFPR). Mestre em Administração (UFLA). Bacharel em Turismo (UFOP). Professor do Departamento de Turismo da Universidade Federal do Paraná. Paraná. Brasil. E-mail: gomesbma@gmail.com